

Discriminação também na Mídia – a imagem do negro na imprensa Blumenauense

Sandro Lauri da Silva Galarca

Universidade Regional de Blumenau

E-mail: sandro.galarca@gmail.com

Resumo

Esse artigo nasce da necessidade de entender qual a imagem projetada pela mídia sobre o negro na sociedade Blumenauense, demandada a partir da vivência e da militância junto ao Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (NEAB) da Universidade Regional de Blumenau. O núcleo é uma entidade que tem a finalidade de auxiliar a Universidade na produção e disseminação do conhecimento por meio do ensino, pesquisa e extensão, no desenvolvimento de políticas de diversidade étnico-racial, promoção de igualdade e valorização das populações de origem africana. Parte-se do princípio que a mídia forma e propaga uma imagem permanente dos atores sociais por meio de seus produtos jornalísticos, pu-

blicitários e de entretenimento. Essa investigação propôs-se a observar pelos mais diversos olhares como a constituição deste sujeito afeta sua identidade, discutindo criticamente o processo pelo qual surgem, se manifestam e se naturalizam práticas como o preconceito e a discriminação, a segregação social, a exploração no mercado de trabalho, além de contribuir com o fenômeno da invisibilidade social dessas populações consideradas minoritárias em Blumenau e região. O estudo analisou conteúdo veiculado na mídia local no período entre agosto e novembro de 2017, por meio de acompanhamento sistemático das mídias impressa, eletrônica e digital.

Palavras-chave: preconceito; negro; representação; mídia; Blumenau.

Data de submissão: 2019-02-12. Data de aprovação: 2020-04-27.

Revista Estudos em Comunicação é financiada por Fundos FEDER através do Programa Operacional Factores de Competitividade – COMPETE e por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projeto *LabCom – Comunicação e Artes*, UIDB/00661/2020.



Introdução

VIVEMOS sob o prisma da representação social. Do ponto de vista filosófico, podemos dizer que nenhuma experiência é de fato autêntica, nos dias de hoje, visto que sua potência de representatividade pode ser medida, quantificada, filtrada e transformada por uma série de eventos sociais refletidos pelos meios de comunicação de massa, em um primeiro momento, ou pelas redes sociais digitais, *a posteriori*.

Antes mesmo das redes sociais, pode-se afirmar que a sociedade sempre produziu seus símbolos e que estes fazem uma mediação social muito mais eficaz do que os registros dos eventos e do que uma “realidade concreta”. Assim como um carro novo é símbolo de status e ascensão social, um diploma e o tipo de emprego são uma chancela de aceitação social. O cargo que os indivíduos ocupam nas empresas, o uniforme utilizado e a função hierárquica são aspectos reveladores de um *status* e mostram mais do que realmente são: representam, projetam, simbolizam. Em suma, são signos de um poder ou de uma falta dele. São uma marca que acompanha os indivíduos por meio de uma noção de pertencimento a um ambiente, a um lugar, a um imaginário.

Estes papéis mais representativos na sociedade brasileira sempre foram ocupados por cidadãos brancos, de descendência europeia. No consciente coletivo, os negros preenchem cargos secundários na economia nacional. São caixas de supermercados, trabalhadores da construção civil, operários sem instrução ou responsáveis pela limpeza urbana. Antes das redes sociais, a nação negra ou parda já representava nas telas e demais locais de visibilidade midiática o sub-emprego, a marginalidade, a população carcerária, os pedintes nas sinaleiras e os moradores das favelas nos grandes centros urbanos.

Na construção da realidade nacional, políticos, industriários, banqueiros, professores, gerentes e pessoas bem-sucedidas em geral são sempre descendentes de europeus, brancos. Nas telenovelas, os papéis de homens e mulheres bem-sucedidos é quase sempre dado a atrizes atores e brancos, enquanto aos negros e pardos são oferecidos personagens secundários na trama – quando não meramente decorativos. São empregadas domésticas, motoristas, jardineiros, empregados sem qualquer destaque no cenário figurativo e na sociedade como um todo. Essa diferenciação tem origem histórica no início de um processo de constituição do povo brasileiro. O período da escravidão segregou nitidamente dois tipos de pessoas: de um lado, os donos dos meios de produção, representados pelos senhores de engenho, pelos proprietários de escravos, fazendeiros e empresários em geral; de outro, os escravos e seus descendentes.

Com o fim da escravidão, a segregação continuou em todos os níveis e camadas da sociedade. A ideia de representação, existente desde a constituição de uma nação formada por dezenas de etnias e origens diferentes, forjou no negro uma baixa auto-

estima que resultou na negação de sua própria identidade. Toda discriminação gerou uma aceitação de sua própria condição, agravada por uma histórica falta de direitos básicos como moradia, educação, saúde e cultura. Como argumenta Sodré,¹ a escravidão resultou em um trauma antropológico, que aparece fortemente na literatura pós-abolicionista, como o registrado por Lima Barreto em *Vida e Morte de M.J. Gonzaga de Sá*, quando o narrador afirma que “ninguém quer ser negro no Brasil”. Mais adiante, Sodré argumenta que a escravidão é “abominável e visível, mas o indivíduo negro é uma abstração, um pedaço da província, ao qual se pode ter afeto”.

No romance brasileiro, o negro é representado como um personagem que compõe uma cena, confundido com a paisagem, com as coisas. Ele não é protagonista de sua história nem mesmo em Machado de Assis ou Lima Barreto, autores de descendência africana e que sofreram a discriminação de uma elite cultural branca em um país de maioria negra. Sodré reforça o pouco espaço que o negro ocupa no imaginário nacional, apesar de ter participado dela com sangue, suor e força bruta:

A invisibilização do homem negro concreto, mais do que o próprio fato da escravidão, é a fonte de que se alimenta o racismo de exclusão ou ideológico. Da identidade abstrata presente nas noções de “ser humano universal” ou “humanidade” – orquestradas pela filosofia, pelo cristianismo e pelo ideário liberal europeu – surgem as normas próprias a uma ética universalista do sujeito.

A origem do preconceito está na centralidade europeia que produz a imagem de um sujeito ideal, forjada no sujeito histórico construído como referência na cultura ocidental. Sodré lembra que há, assim, uma normatividade da ética universalista que produz a imagem do negro como a negação do paradigma branco-europeu como um “inumano universal” ou como outra espécie biológica não plenamente identificável como humana.

As cenas de racismo ainda hoje vivenciadas nas mais diversas situações do cotidiano não são nada além da cristalização de uma prática comum nas sociedades modernas. A submissão dos negros na sociedade de classes é uma forte prova disso. Negros recebem menores salários, possuem menor escolaridade, são maioria nos presídios e penitenciárias, compõem o maior número de vítimas de arma de fogo, têm menor expectativa de vida. Estão à margem do desenvolvimento social porque não se valem das mesmas facilidades dos brancos, como acesso ao ensino superior, acesso à arte e ao lazer, direito à segurança etc.

Essa diferença histórica é registrada por Fernandes,² ao argumentar que os negros criaram grupos de resistência a uma série de medidas que colocavam os escravos recém-libertos numa situação muito inferior à vivida pela população branca no início do século XX, período em que se agravam as desigualdades sociais e raciais

1. SODRÉ, Muniz. Claros e Escuros. Identidade, povo e mídia no Brasil. Petrópolis, RJ, Vozes, 1999.

2. FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes*-. Volume 2. São Paulo: Globo, 2008.

no Brasil. O autor sugere que no começo alguns grupos organizados conseguiram exercer influência na organização do “meio negro”, com a intenção de mobilizar-se contra a desigualdade de forças representativas das camadas populares. O autor realizou um levantamento em que consegue identificar o que chama de “incentivos” histórico-sociais dessa natureza, que parecem ter exercido influências mais ou menos decisivas no contexto social. Diz o autor:

Entre esses incentivos, o mais marcante diz respeito à reação do negro e do mulato ao bloqueamento a que se viam reduzidos pela sociedade inclusiva. A massa da “população de cor” esbarrava contra dificuldades sucessivas às aspirações de classificação social; era quase impossível conquistar, manter e melhorar um meio de ganho conspícuo, tanto quanto era impraticável fazê-lo render, depois de conquistado, os mesmos proventos materiais, morais e políticos que tais meios proporcionavam aos “brancos”.

O autor considera que a ressocialização do negro afetou de modo significativo a organização social dos grupos étnicos segregados do desenvolvimento econômico, dos investimentos públicos e da vida política e cultural do país. Ao negro, sobrou a resistência para além dos quilombos: a luta para frequentar as escolas públicas, para ter acesso ao sistema de saúde, por uma moradia digna, pela participação no poder de decisão da sociedade.

Essa situação, paradoxalmente, marca uma tomada de consciência da população negra por meio de uma percepção de sua condição na sociedade. Segundo o autor, os negros descobriram que não eram rejeitados por serem “negros”, pura e simplesmente. Mas que a cor e outras características de sua raça serviam apenas como um “sistema de referência para mantê-los como um estrato social inferior, que não tinha acesso aos padrões de vida e às garantias sociais desfrutadas por outros grupos nacionais, étnicos ou raciais”.

Conforme Fernandes, é neste momento que a expressão “preconceito de cor” ganha forma na sociedade brasileira, uma vez que constitui uma categoria inclusiva do pensamento. Esta expressão teria sido construída para designar, estrutural, emocional e cognitivamente, todos os aspectos envolvidos por um padrão assimétrico e sedimentado na relação entre as raças. Assim, não se pode separar o “preconceito de cor” de uma “discriminação racial”, apesar de, *a priori*, representarem dois significados distintos. Na prática, entretanto, da mesma maneira que os negros sofrem diária e historicamente o preconceito em virtude da cor de sua pele, também são discriminados por sua raça.

É neste contexto que ganham espaço na sociedade estudos por meio dos quais se busca alinhar o discurso social de inclusão, presente nos meios de comunicação e circulante nas mais diversas formas de expressão da sociedade, e a realidade constituída como tal. Entre as expressões de que o Brasil é um “país multirracial”, ou que somos “um país sem preconceito” e a prática das instituições e o hábito da população, existe

um abismo de tamanho incalculável. A falta de oportunidades, a vitimação da juventude, a violência urbana, as piadas racistas, os olhares de censura que as elites brancas debruçam sobre a população negra e toda a forma de preconceito evidente nas mais diversas manifestações social são evidências definitivas para derrubar as ideias de um país sem preconceito.

É notória a diferença de tratamento e de oportunidades oferecidas aos negros na sociedade de classes. Ainda conforme Fernandes, são inúmeros os dados que demonstram as dificuldades com com se defrontam o negro e o mulato para conseguir se classificar socialmente e competir por riqueza, poder e prestígio com os “brancos”. Escreve o autor:

[os negros] têm de varar vários tipos de resistência e de barreiras para conquistar uma situação que, em condições análogas, pode ser obtida com a maior facilidade e rapidez pelo “branco” que conte com o mesmo ponto de partida. Na medida em que a compulsão “para subir” encontra menos apoio no mundo exterior que nas predisposições subjetivas, em todos os níveis da organização do comportamento, da personalidade e da sociedade, surgem obstáculos mais ou menos ativos à ascensão social do negro e do mulato ao reconhecimento explícito das alterações de *status* e de papéis sociais porventura alcançados. (Pág.235)

Com o passar do tempo, as demandas da sociedade por igualdade de direitos encontram eco também nos discursos a favor das causas da “população de cor”. Levada por uma maré de descontentamentos sociais, formada pelas mulheres, pela população LGBT, pelos trabalhadores, pelos jovens, pelos sem-teto, sem-terra e pelas populações de baixa renda, a reivindicação pelo reconhecimento da importância do negro na sociedade contemporânea vai ganhando destaque, à medida que lideranças as encampam e as incluem em seus discursos, metas de campanha e planos de governo.

Entretanto, nem mesmo as chamadas medidas afirmativas como a criação de cotas nas universidades públicas ou um maior rigor na punição dos crimes de racismo mudam o quadro, quando a questão é o preconceito estrutural. Diz-se que ele é estrutural porque faz parte das estruturas da sociedade: está enraizado, constitui a sociedade brasileira desde sua formação. Políticas antirracistas e ações do governo podem colocar mais negros, pardos e indígenas nas universidades, mas não reduzem o sentimento generalizado de discriminação por que essas pessoas passam todos os dias nas mais diversas situações de convívio social.

A sociedade e as diferenças

A Universidade Regional de Blumenau (Furb), por meio do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros (Neab) também procura compreender como a sociedade lida com as diferenças e de que maneira essas marcas aparecem nos discursos dos diferentes atores sociais. A criação do Núcleo no CNPq e a aprovação da pesquisa intitulada *O*

papel da mídia na valorização da diversidade étnico-racial lançam um olhar ainda mais crítico sobre a produção de sentidos da mídia local e regional sobre temas ligados à etnia afro-brasileira.

A cidade de Blumenau, historicamente constituída por uma população de maioria branca, formada a partir de uma suposta colonização germânica, tem uma população crescente de imigrantes dos mais diversos locais e origens étnicas, fato ignorado pelos meios de comunicação. Na imagem coletiva que se formou de cidade alemã, há pouco espaço para discutir e aceitar a participação de mão de obra escrava e dos negros quando a cidade foi erguida, ainda no século XIX.

Registros históricos apontam pelo menos três situações envolvendo a presença de negros na formação da colônia. Historiadores concordam que há registros da presença de afrodescendentes nas terras adquiridas pelo Dr. Hermann Blumenau, em 1850. Também existe um documento comprovando que pelo menos cinco escravos foram trazidos para iniciarem a construção de um barracão, enquanto o fundador foi à Alemanha providenciar a vinda dos primeiros imigrantes. Anos mais tarde, já em 1909, registros confirmam o trabalho de um número considerável de negros na construção da estrada de ferro que passou pela cidade.³

Um histórico de exclusão e segregações contrasta com a imagem de cidade desenvolvida e polo de crescimento industrial da região, o que ajudou a formar uma cidade à margem desse desenvolvimento, que habita a periferia, vive em núcleos populares, nos bairros mais distantes e é responsável pela formação crescente de sub-habitações no entorno da cidade. Essa formação histórica teve a contribuição, por assim dizer, de um amplo desinteresse da mídia, que não produziu conteúdo reflexivo sobre esse fenômeno migratório e social durante todo o século XX e começo do século XXI.

Em primeiro lugar, é preciso entender esses movimentos migratórios que constituem a população blumenauense, assim como investigar qual imagem está sendo construída pelos meios de comunicação a partir dessa nova configuração social, maquiada pela publicidade de uma “Alemanha sem passaporte” e reforçada pelas notícias que, *a priori*, marginalizam os negros, índios e mestiços, considerando-os como alguém que vem de fora e que mancha a imagem de uma cidade em que predomina a cultura teuto-brasileira.

Por meio das construções simbólicas de uma realidade elitista e concentradora, tem-se a impressão, nitidamente, de que a construção da imagem do negro, de modo mais específico, nos discursos midiáticos locais, se dá sob o ponto de vista do preconceito, ligada ao não-pertencimento da sociedade de origem germânica. O negro é um ser estranho em uma comunidade que, curiosamente, foi erguida sob trabalho escravo e força negra, como vimos anteriormente. Mas, como aconteceu esse descolamento do negro enquanto parte formadora dessa cidade, e mais, enquanto força braçal utilizada para alavancar a economia local e seu pertencimento a este lugar,

3. Artigo dos historiadores André Voigt e Marlon Salomon na publicação *Blumenau em Cadernos*.

tanto quanto os imigrantes europeus, a maioria notadamente de origem germânica? Como essa segregação geográfica que os afastou das áreas centrais da cidade segue sendo reforçada por um discurso midiático que enxerga apenas parte da população como genuinamente blumenauense?

Material e métodos

Importante salientar que os objetivos de pesquisa foram construídos a partir de alguns pressupostos, sustentados no fato de que, conforme lembra Traquina (2005), o conteúdo das notícias não é determinado ao nível interior (ao nível dos valores e preconceitos dos jornalistas) nem ao nível interno (ao nível da organização jornalística), mas ao nível externo, o que Herman e Chomsky (1989) citam como nível macroeconômico.

Os autores, citados por Traquina, sustentam que a visão de mundo construída pelos meios de comunicação de massa reforça os pontos de vista do poder instituído, devido ao poder dos donos dos meios de comunicação e dos anunciantes. Assim, numa sociedade capitalista cujo veículo “jornal” pode ser entendido como um produto originado de um processo de reprodução em série com objetivos que servem ao capital, por um lado a) existe uma ligação estreita entre a classe capitalista, as elites dirigentes e os produtores midiáticos; b) há um acordo entre personalidades da classe dominante e produtores midiáticos; e c) a total concordância entre o produto jornalístico e os interesses dos proprietários e das elites.

Apoiado nesses pressupostos, pode-se criar como hipóteses:

a) A atuação da imprensa diária de Blumenau e região reforça a invisibilidade dos temas relacionados à diversidade étnico-racial no cotidiano dos leitores;

b) O resultado do trabalho jornalístico reforça o papel ideológico de defesa do sistema macroeconômico, entendido como a manutenção do capitalismo, em suas mais variadas manifestações, relegando a cultura, a religião e os assuntos ligados aos negros a um papel secundário no protagonismo social;

c) As questões sobre valorização da diversidade étnico-racial não encontram espaço adequado para discussão, reflexão e questionamentos da sociedade na grande imprensa local.

Assim, cabe explicitar a partir de agora como foram recortados os objetos de análise, entendidos até agora apenas como a "mídia local" de Blumenau, bem como o recorte espaço-temporal em que será realizada a presente pesquisa. Primeiro, trata-se de uma Análise de Discurso, construída a partir do entendimento de que um discurso, para Maingueneau (2004), é muito mais do que seu uso comum (um discurso solene ou, pejorativamente, as falas inconsequentes de alguém). O termo discurso, segundo o autor, pode igualmente designar "qualquer uso restrito da língua: discurso islâmico, discurso político, discurso administrativo, discurso político, o discurso dos jovens etc". (pág. 51).

Para o autor, "o discurso é orientado não somente porque é concebido em função de uma perspectiva assumida pelo locutor, mas também porque se desenvolve no tempo, de maneira linear"(Pág. 53). Assim, o discurso se constrói, com efeito, a partir de uma finalidade, devendo obrigatoriamente dirigir-se a uma finalidade. Falar, neste contexto, não é somente utilizar palavras para ser entendido, mas é uma forma de ação sobre o outro e não apenas uma representação de mundo. Segundo Maingueneau (2004), estudos apontam que toda enunciação constitui um ato que visa modificar ou interferir em uma situação. "Em um nível superior, esses atos elementares se integram em discursos de um gênero determinado (um panfleto, uma consulta médica, um telejornal etc.) que visam produzir uma modificação nos destinatários". (Pág. 53).

A presente pesquisa, na busca por compreender como se formam esses discursos e o que eles pretendem modificar e como podem fazê-lo, foi estruturada a partir da análise sistemática (por amostragem) da mídia impressa (Jornal de Santa Catarina), eletrônica (rádios e emissoras de televisão local) e digital (principais portais de informação locais). Para isso, a análise considerou o tempo de coleta entre agosto e novembro de 2017. Na prática, as técnicas de coleta podem ser descritas a partir da seguinte sistematização:

- Meio Digital: foi realizado por rastreamento de palavras-chave na Internet, por amostragem, com levantamento realizado a partir de mapeamento na primeira etapa do projeto. Período de coleta: agosto/2017;
- Programas de Televisão: Por amostragem, foram escolhidos os dias da semana (de segunda a sexta-feira) para acompanhamento e análise dos principais programas de telejornalismo diário, nas emissoras locais, observados a partir de mapeamento realizado na primeira etapa do projeto. Período de coleta: setembro/2017;
- Programas de Rádio: Por amostragem, foram escolhidos os dias da semana (de segunda a sexta-feira) para acompanhamento e análise dos principais programas radiojornalísticos existentes, observados a partir de mapeamento realizado na primeira etapa do projeto. Período de coleta: outubro/2017;
- Jornal Impresso: foi utilizado o único jornal impresso da cidade, o Jornal de Santa Catarina, analisando-se todos textos jornalísticos que abordarem o tema negros ou afrodescendentes. A análise aqui foi focada sobre os textos, fazendo uso das técnicas de Análise de Discurso segundo a corrente francesa, como explicitado em Maingueneau (2004) e Orlandi (2009), Período de coleta: novembro/2017.

Resultados por tipo de mídia

Mídia digital – portais

Como se pode observar no Quadro 1, os três maiores portais de informação com sede em Blumenau e que também veiculam notícias da região publicaram no período pesquisado (mês de agosto de 2017) apenas uma notícia cuja temática envolve pessoas negras. Nos 30 dias de observação e busca, nas três plataformas escolhidas para o estudo, apenas uma notícia foi publicada, no dia 17 de agosto. A amostra pode ser considerada suficientemente expressiva, já que buscou 30 dias corridos de publicação nos portais na Internet e encontra apenas uma notícia, o que revela a falta de protagonismo dos temas ligados à população negra que habita a região.

Quadro 1. Mídia digital – Portais

Veículo/Período	Agosto
Informe Blumenau	Sem ocorrências
Jornal de Blumenau	Sem ocorrências
Jornal de Santa Catarina	01 Ocorrência

Fonte: o autor.

Se levarmos em consideração que existem diversas possibilidades temáticas que poderiam ser exploradas jornalisticamente, como cultura, esporte, saúde, religião, educação, moda, comportamento, turismo e viagem, dentre outros sob a perspectiva da comunidade afrodescendente. Entretanto, a única publicação do período, registrada no portal online do Jornal de Santa Catarina, traz uma notícia que reforça a imagem do negro enquanto vítima social, diminuído socialmente e mais uma vez na comparação com a “população branca”. Entendemos a importância e a relevância social – e jornalística – de uma constatação que mostra a desigualdade social no país e concordamos com a divulgação desses dados, até mesmo para não nos esquecermos de que, ainda hoje, a segregação social ocorre em diversos níveis e subníveis. O que não se justifica é encontrarmos quase que exclusivamente esse tipo de conteúdo na imprensa.

Desemprego entre pardos é quase o dobro do de brancos em SC

17/08/2017 | Larissa Linder

Em SC, como no restante do país, a decomposição dos índices de **desemprego** entre grupos populacionais reflete a desigualdade social. No Estado, embora a taxa de desocupação tenha alcançado 7,5% da população no segundo trimestre, há uma variação enorme do indicador entre grupos raciais."

Segundo a **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD)** Contínua trimestral, divulgada pelo IBGE nesta quinta-feira, a taxa de desocupação entre as pessoas brancas foi de 6,7% no segundo trimestre do ano, enquanto a dos pretos atingiu 8,9% e dos pardos, 12,7%. "Preto" é a terminologia utilizada oficialmente pelo IBGE, que considera "o grupo formado por pretos e pardos."

Figura 1. Publicação do Jornal de Santa Catarina
Fonte: Jornal de Santa Catarina na internet.⁴

Ao analisarmos o discurso construído neste texto, percebemos que já a partir do título as expressões reforçam a imagem já conhecida da população negra. Em nome da objetividade, a publicação começa com uma chamada que já coloca o desemprego como sujeito da sentença, não iniciando com a expressão “negros”, “pardos” ou “pretos”. O destaque é para o desemprego entre pardos, sempre na comparação com os “brancos”. Pelo viés da denúncia social, que expõe os problemas na busca por discuti-los e combatê-los, a notícia cumpre seu papel, uma vez que revela mais uma faceta da desigualdade social. Porém, o modo como o texto se estrutura, já a partir do título, constrói uma narrativa – um discurso – que não avança para além da constatação histórica de que os negros são vitimados pela desigualdade social.

É uma construção objetiva a partir de um fato dado como tal, aceito como é, considerado normal, sem levar em conta todas as subjetividades presentes no discurso. Tal reprodução sistemática de uma mesma narrativa histórica, sem contextualização, sem problematização, aponta para além do que é lido cotidianamente na mídia impressa local: mais do que reforçar que o estigma da diferença étnica é a causa da desigualdade entre os grupos, aceita a segregação entre esses mesmos grupos e aumenta a invisibilidade social dos negros em Blumenau. Não podemos esquecer que a

4. Disponível em: <http://jornaldesantacatarina.clicrbs.com.br/sc/noticia/2017/08/desemprego-entre-pardos-e-quase-o-dobro-do-de-brancos-em-sc-9872559.html>.

ausência de um tipo de discurso é, também, uma escolha discursiva e uma metodologia que serve à manutenção de uma realidade cruel para quem vive à margem social, aliado das políticas públicas, da distribuição de renda, dos investimentos sociais e também das representações midiáticas.

Programas de TV

Em relação aos programas de TV pesquisados no período de setembro de 2017, pode-se afirmar que houve mais ocorrências do que o registrado nos portais, mas o número total ainda pode ser considerado inexpressivo, com apenas cinco ocorrências. Pelo ponto de vista quantitativo, são insignificantes em um universo que considera 21 edições de cada programa jornalístico televisivo analisado. No meio de tantas reportagens, notas e notícias sobre a cidade, com temas que versam sobre economia, turismo, negócios, educação e a vida em Blumenau, com destaque para conteúdos que exaltam a cultura germânica e as proximidades com a Oktoberfest, os materiais encontrados neste período não contribuem significativamente para um equilíbrio temático e quase nunca tratam os temas pela perspectiva da comunidade negra com o mesmo destaque dos demais.

Quadro 2. Programas de TV

Programa/Período	Setembro
Balanço Geral/RIC TV	04 Ocorrências
Jornal do Almoço/NSC TV	01 Ocorrência

Fonte: o autor.

No Jornal do Almoço, da NSC TV, por exemplo, a única ocorrência registrada no período é uma entrevista com o advogado Marco Antônio André, vítima de racismo em caso de ampla repercussão nacional, quando um grupo de neonazistas colou cartazes ofensivos e em tom de ameaças em frente à sua residência. Considerada uma das primeiras entrevistas com o advogado, a reportagem mostra o momento da abertura do Boletim de Ocorrência e o depoimento de Marco sobre o acontecimento: “De forma agressiva, da forma como foi agora, eu nunca senti de fato, mas o racismo diário a gente sente”, declarou o advogado. A reportagem mostra também o posicionamento da OAB em respeito ao caso e a exigência para que as autoridades apurem os autores da ameaça.



Figura 2. Reportagem veiculada no Jornal do Almoço.

Fonte: Captura da internet.⁵

O que chama atenção nesta divulgação é, outra vez, a característica reativa da mídia, uma vez que assuntos como esse – racismo, violência contra os negros, discriminação, preconceito e injúria racial – tendem a dominar o noticiário sobre os negros na mídia local. Essa realidade poderia ser explicada porque Blumenau tem colonização alemã e, portanto, minoria racial negra, o que justifica um número reduzido de textos ou reportagens que abordem esse tema. Entretanto, podemos considerar que todas as temáticas elencadas diariamente para fazer parte dos noticiários têm como relação direta a representatividade social e as demandas de diversos grupos sociais, étnicos ou de gênero.

Essas demandas, nos demais grupos, possuem os mais variados enfoques, o que não acontece em relação aos negros: nas reportagens, são vítimas de preconceitos ou autores de crimes, o que forma uma imagem de que estão na maior parte das vezes ligados a situações de marginalização, de exceções, de anormalidades sociais. Destacam-se pelos extremos, pelo que foge ao considerado “normal ou natural”, de uma maneira que, na reprodução de uma metodologia de escolha, os relacionam a questões étnicas apenas, reduzindo-os a expressões negativas de sua etnia. Compõem, na construção de um discurso sistemático, a imagem representada por um maniqueísmo que coloca, de um lado, o negro enquanto vítima de preconceito racial em um país multicultural e miscigenado que não aceita essa condição e faz questão de expressar o posicionamento social predominante; e, de outro, o negro como ator de uma criminalidade institucionalizada, cujo discurso naturalizado o constrói como criatura violenta, perigosa, inferior e delinquente.

5. Disponível em: <http://g1.globo.com/sc/santa-catarina/jornal-do-almoco/videos/t/edicoes/v/cartaze-s-racistas-sao-colocados-em-poste-e-na-casa-de-ativista-negro-em-blumenau/6177445/>.

A reportagem tem o título “Cartazes racistas são colocados em poste e na casa de ativista negro em Blumenau” traz um depoimento bastante contundente da vítima, mas basicamente se limita a contar o fato e a mostrar, ainda que parcialmente, o conteúdo dos cartazes. Apesar de ouvir a OAB e esclarecer como se dará a investigação, a reportagem não questiona os motivos desse racismo, não explora o que o entrevistado fala sobre “preconceito velado”, não busca especialistas nem estabelece um contraponto para esclarecer criticamente o que Marco Antônio deixa claro em sua fala: vivemos em uma sociedade racista e Blumenau não foge à regra, ao contrário: manifesta-se claramente e de maneira criminoso.

O outro programa analisado, Balanço Geral da RIC/Record, registrou quatro veiculações ligadas ao tema. Das quatro matérias veiculadas, duas noticiaram o caso de racismo contra o advogado Marco Antônio André. Na primeira delas, a abordagem é semelhante a que foi dada pelo Jornal do Almoço, com ênfase para o caso de racismo em si e para a investigação da Polícia Civil sobre a autoria dos cartazes. A reportagem pretende esclarecer o que aconteceu e tenta adiantar os próximos passos, sempre ligada ao fato e pouco preocupada em contextualizar o racismo na sociedade local. Em nenhum momento são levantadas as causas de uma maneira mais ampla, que dê conta de refletir sobre o racismo institucionalizado.

A abordagem focada no fato acaba construindo um discurso que naturaliza o preconceito e produz um efeito mais de aceitação do que de indignação, na medida que o resultado prático é o tratamento como um ato isolado. Ao não dar ênfase ao tema como prática social, mas centrar no acontecimento, sem ampliar a própria fala do entrevistado e sem buscar lacunas de seu discurso para construir uma contextualização necessária, deixa-se de informar para além do que pode ser visto. Uma segunda reportagem trata dos desdobramentos do caso, mostrando a sequência das investigações e dá espaço para que as autoridades de Segurança Pública de Santa Catarina expliquem a investigação. A reportagem tem o título “Secretário de segurança pública pede rigor nas investigações de racismo em Blumenau”.

As outras duas ocorrências registradas no período exploram temas menos factuais e que de certa forma representam uma imagem menos padronizada a respeito do negro em Blumenau. A primeira delas é “Adotados por Blumenau: história de amor e cumplicidade”, mostra o aluno Carens Julien, irmão de Emanuel Julien, que vieram do Haiti. Também é apresentada a barbeira Jane Santos, vinda do Pará. São pessoas de outras etnias que escolheram a cidade para morar, numa tentativa de mostrar uma Blumenau inclusiva e multicultural, algo que não acontece na prática.

Apesar de apresentar uma intenção diferente do que a maioria dos materiais publicados na imprensa local, nota-se que o discurso ainda mantém uma relação com a diferença, o que acaba muito mais revelando uma certa segregação do que uma integração. Em determinado momento, a reportagem diz: “Os olhos verdes, a pele branca. Olhando assim, a impressão que dá é que estamos diante de um blumenau-

ense”, em referência a um morador de origem pernambucana. Apesar da tentativa de mostrar que a cidade é aberta à diversidade, as expressões utilizadas denunciam o preconceito: só blumenauenses têm o direito de ter a pele clara e os olhos verdes? Todos os pernambucanos têm pele morena e olhos escuros?



Figura 3. Reportagem de pessoas “adotadas” por Blumenau
Fonte: captura da Internet.⁶

A escolha pelos “novos blumenauenses” busca histórias diferentes e reúne outras etnias, como é o caso dos haitianos. Mas, nesse caso, não vemos qualquer menção aos seus costumes, às dificuldades enfrentadas com o idioma, a cultura, o preconceito velado na sociedade. Os personagens escolhidos para contar uma história de acolhimento são entrevistados de maneira rápida, sem maior contextualização e aprofundamento. Em suas falas, limitam-se a dizer que gostam da cidade, que é bonita, que conseguiram trabalho com bom salário e estão na faculdade, algo difícil de acontecer no seu país de origem. O foco da matéria não é mostrar como vivem esses personagens, como são protagonistas de sua história, mas mostrar como Blumenau é acolhedora e como abriu os braços para recebê-los.

A outra reportagem é uma suíte⁷ sobre uma denúncia veiculada em edição anterior do programa, com o título “Polícia Civil conclui que não houve crime de racismo contra haitiano”. O caso que originou a denúncia ocorreu em agosto na cidade de Indaial, vizinha de Blumenau. O auxiliar de serviços gerais Jean Docius relatou ter sofrido agressão e racismo em uma casa noturna. Testemunhas afirmam que Jean estava alcoolizado e causando transtornos na boate, tendo recebido convites para se retirar do local por várias vezes. O delegado que investigou o caso afirma que não

6. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=hEzrwX0v54U.

7. Chama-se suíte o acompanhamento de um assunto já noticiado anteriormente, dando ênfase a um novo fato ou uma nova informação sobre o fato.

houve indícios o suficiente para que se possa afirmar que tenha ocorrido o crime de racismo.

Mais uma vez, o discurso utilizado reforça a segregação, a diferenciação entre as culturas, confrontando o que diz o haitiano e o que alegam as outras pessoas que presenciaram o ocorrido na boate. Não é feita qualquer discussão a respeito do que é, de fato, racismo e de qual tipo de racismo estamos falando. Nenhum especialista é chamado para debater o racismo do ponto de vista sociológico, a carga negativa presente em uma situação de racismo ou de sentimento de quem é agredido física ou verbalmente. A metodologia da reportagem confronta a versão apresentada pelo haitiano, único negro da reportagem, com a do delegado e a do empresário da casa noturna.

Apesar de negar ato de racismo, o delegado concorda com o abuso do uso da força por parte dos seguranças, que agrediram Jean com vários socos e pontapés e o expulsaram da boate. A alegação do dono do local é de que Jean teria chegado cedo e estava embriagado, quando foi retirado à força. O difícil é acreditar que, se Jean fosse branco e tivesse o mesmo comportamento, os seguranças teriam tomado essa mesma atitude, visto que não vimos reportagens com essa informação costumeiramente na mídia, apesar de ser muito plausível que homens brancos também fiquem embriagados e também tenham atitudes inapropriadas nesses ambientes.

Programas de Rádio

Com relação aos programas de rádio, os dados são nada animadores para quem espera encontrar uma cobertura midiática que construa positivamente uma imagem dos negros que também fazem parte da história da cidade e da região. No período pesquisado, outubro de 2017, nenhuma referência ao tema foi encontrada, tanto nos dias em que o programa foi ouvido e gravado quanto na busca por palavras-chave no site das emissoras. A busca foi realizada pelas palavras-chave: afro-brasileiro; negros; diversidade; descendentes; preconceito; racista.

Quadro 3. Programas de rádio

Programa/Período	Outubro
Notícias da Manhã/CBN	Sem ocorrências
Show da Manhã Rádio Clube1330 AM	Sem ocorrências

Fonte: o autor.

Essa constatação vai ao encontro do que entendemos pelo fenômeno de invisibilidade social por que passam historicamente os negros. Há uma tendência de que as reportagens envolvendo essa etnia tenham pouca variação temática, cujos assuntos ficam restritos a racismo/preconceito/violência. Essa exploração temática reduzida acaba deixando fora dos meios de comunicação narrativas importantes sobre negros

enquanto protagonistas de sua história. Espaços que poderiam ser utilizados democraticamente para divulgar um pouco mais da cultura, dos costumes, da constituição social dos negros e vem sendo esquecido pelos meios de comunicação da cidade.

Jornal impresso

O único veículo analisado foi o Jornal de Santa Catarina, única publicação impressa diária da cidade e que pertence ao grupo NSC de comunicação, também proprietário de uma emissora de TV (NSC TV), de uma rede de rádio (Atlântida FM) e da rádio CBN Diário de Florianópolis. Durante todo o mês de novembro de 2017, apenas duas ocorrências foram registradas sobre o tema na publicação, ambas na edição de 20 de novembro, quando comemoramos o Dia da Consciência Negra. A primeira delas é um artigo, publicado na página de opinião, com o título de “Consciência Negra e ‘Negratidade’”, de autoria do professor Ideraldo Luiz Marcos. Neste artigo, o professor trata com muita propriedade a história de discriminação e preconceito vividos pelos negros no Brasil, fato agravado em cidades como Blumenau. É um espaço destinado a alguém que fala sobre os negros, mas não representa a opinião do Jornal nem foi pauta pensada e produzida pela equipe de jornalistas.

A outra ocorrência é uma reportagem veiculada no mesmo dia, também motivada pelo Dia da Consciência Negra. É uma matéria de rede, produzida em Florianópolis pela repórter Gabriele Duarte, que traz uma triste estatística: “Mortes de negras crescem 133%” diz o título, que é complementado pela informação de que os assassinatos em Santa Catarina de 2005 a 2015 avançaram quatro vezes mais do que entre as mulheres não-negras. Em números absolutos, dois registros em 30 dias não são suficientes para discutir questões importantes sobre moradia, meio ambiente, educação, saúde, trabalho e renda da população negra.

Quadro 4. Jornal impresso

Veículo/Período	Novembro
Jornal de Santa Catarina	02 Ocorrências

Fonte: o autor.

As duas ocorrências são registradas no mesmo dia, o dia 20 de novembro, data emblemática para a luta pela causa. Nas outras edições, esses e outros temas não chamaram a atenção e nem foi pensada uma pauta que pudesse considerar o negro protagonista de histórias positivas ou representativas no corpus social. Fora do trinômio preconceito/discriminação/ violência, pouco existe para explorar quando os atores sociais não pertencem à origem germânica ou ao fenótipo padrão dos nascidos na colônia alemã.

No que diz respeito à característica do discurso, pode-se dizer que o impacto de uma notícia que coloca as mulheres negras no alvo da violência tem apenas o efeito

prático de um tipo de sensacionalismo ou de uma simples comparação social. Tem menos a finalidade de discutir os efeitos práticos da realidade materializada no problema que se apresenta e mais de espetacularizar o conteúdo da notícia. Se considerarmos que a data que se comemora em 20 de novembro é o Dia da Consciência Negra podemos questionar por que não aproveitar e pensar em contar histórias de empoderamento, em que as personagens superaram preconceitos e as dificuldades de ser negro em um país historicamente racista.

Por outro lado, pode-se considerar também que, apesar da pertinência em revelar casos de violência contra as mulheres, a produção do conteúdo parte da capital do Estado, com as fontes entrevistadas sendo de Brasília, Florianópolis e Campinas. A foto que ilustra a reportagem é de um coletivo de mulheres chamado Negras em Desterro, também da capital. Não há qualquer proximidade entre o universo simbólico reconstruído pela reportagem e a realidade de Blumenau. A informação, em si, é extremamente relevante, uma vez que discute a violência extrema e crescente a que são expostas as mulheres negras, e serve de alerta para que a comunidade cobre políticas públicas por parte dos poderes. Entretanto, perde-se um espaço importante para discutir como Blumenau enfrenta essa realidade e, ainda mais, qual é a realidade de Blumenau nesse 20 de novembro.

Considerações finais

Para se chegar a algumas conclusões, é preciso entender que jornalismo nasce e se estabelece como um veículo de informação para “equipar os cidadãos com as ferramentas vitais ao exercício de seus direitos e voz na expressão das suas preocupações – designado como a liberdade positiva do jornalismo”.⁸ Cabe, portanto, à função jornalística assegurar a divulgação e repercussão de notícias de fatos que colaborem com o progresso humano, a igualdade social e, por consequência, o desenvolvimento humano sem qualquer tipo de discriminação, numa visão muitas vezes contrária ao poder hegemônico, como defende Genro Filho.⁹

Para o autor, se por um lado o jornalismo nasceu e se desenvolveu historicamente ligado ao desenvolvimento do capitalismo, também é verdade que ele “é dotado de potencialidades que o ultrapassam”. Entendemos que uma das potencialidades que ultrapassam o capitalismo seja o poder ou, na pior das hipóteses, a influência que exerce ao contar histórias desconhecidas, representar o pensamento da sociedade e refletir sobre temas importantes à vida e ao cotidiano social, como a história dos menos favorecidos, a imagem de negros, índios e outras etnias que não refletem o viés hegemônico opressor de uma sociedade branca e liberal.

8. TRAQUINA, Nelson. *Teorias do Jornalismo*. Por que as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 2004. Pág. 129.

9. GENRO FILHO, Adelmo. *O segredo da pirâmide. Para uma teoria marxista do jornalismo*. Florianópolis: Insular, 2012. Pág. 197.

Em terceiro lugar, cabe-nos questionar por que a história das minorias, como os negros que moram nas periferias da cidade, não é contada pelos meios de comunicação? Por que temas como moradia, saúde, educação, cultura e religião dos negros que habitam Blumenau não fazem parte da agenda da mídia e, como consequência, da agenda social? De acordo com a característica da centralidade, apontada por Hohlfeldt¹⁰ como um dos conceitos básicos da hipótese do agendamento, “há muitos assuntos que são noticiados constantemente, mas que não são conscientizados como centrais (isto é, decisivos) para a nossa vida, enquanto que outros assim se tornam”. (2001, p. 202). Por que isso acontece? Como, na prática, se verificam essas nuances? Como a divulgação dos hábitos, costumes e do cotidiano de moradores da cidade que têm sua vida relegada às páginas policiais foram esquecidos com o passar dos tempos?

E, por fim, podemos questionar em que medida a criação de uma imagem germânica, que se reflete na arquitetura da cidade, no idioma falado em família e nos grupos sociais até hoje, nos trajes típicos e na exposição midiática sobre a maior festa alemã do Brasil apagou as demais etnias do imaginário coletivo e, por consequência, dos meios de comunicação. Por que negros, índios, pardos, mulatos, mestiços e demais imigrantes não são protagonistas de suas histórias e não as veem contadas pelas lentes dos meios de comunicação em Blumenau?

Em parte, esses questionamentos podem ser respondidos por Hall¹¹ como sendo reflexo de um fenômeno pós-moderno, em que a identidade cultural é construída socialmente. O autor argumenta que as identidades nacionais não são “coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da ‘representação’”. (Pág. 48). Ou seja, sabemos o que é ser “brasileiro” pela referência de brasilidade que recebemos da sociedade, expressa nos meios de comunicação de massa, assim como sabemos o que é ser “de descendência germânica” e o que isso projeta em uma sociedade como a de Blumenau.

Ao final da pesquisa, pode-se afirmar com clareza – com a ressalva de que uma amostragem mais ampliada garantiria maior fidelidade aos resultados – que a cobertura sobre os negros em Blumenau não colabora para a construção de uma imagem realista, nem aborda suficientemente os temas mais importantes para a formação dos sujeitos e a compreensão de sua multiplicidade étnica e cultural.

No que diz respeito às hipóteses levantadas anteriormente, pode-se afirmar que:

- a) a atuação da imprensa blumenauense colabora para uma situação de invisibilidade dos temas relacionados à diversidade étnico-racial;

10. HOHLFELDT, Antônio. FRANÇA, Vera Veiga. MARTINO, Luiz Carlos. *Teorias da Comunicação. Escolas e Tendências*. Petrópolis: Vozes, 2001.

11. HALL, Stuart. *Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. trad. Tomaz Tadeu da Silva. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

- b) o resultado do trabalho jornalístico opera como veículo de manutenção do sistema capitalista, em suas mais variadas manifestações, relegando a cultura, a religião e os assuntos ligados aos negros a um papel secundário no protagonismo social;
- c) as questões sobre valorização da diversidade étnico-racial não encontram espaço adequado para discussão, reflexão e questionamentos da sociedade na grande imprensa local.

Por oposição, podemos dizer que também sabemos o que é “ser negro” a partir de uma referência social, formada na representação de longo prazo, como sendo o não-pertencente original dessa sociedade. A figura do negro em Blumenau nasce, cresce e se desenvolve como a representação do "fora de lugar", do forasteiro, na melhor interpretação da diáspora proposta por Hall. Esta imagem é reforçada pela representação social feita cotidianamente nos meios de comunicação social.

O estudo constata que a representação do negro nos meios de comunicação é praticamente nula, na mesma medida em que emerge o predomínio de um tipo europeu, cujos traços culturais universais reduzem a riqueza das diferenças e criam um novo homem, à imagem de uma elite construída historicamente como legítima. O cidadão blumenauense que é projetado na imagem coletiva parece resistir a essa multiplicidade étnico-cultural. E a mídia tem boa parte dessa culpa.

Referências

- Fernandes, F. (s.d.). *A integração do negro na sociedade de classes*, vol. 2. São Paulo: Glo.
- Genro Filho, A. (2012). *O segredo da pirâmide. Para uma teoria marxista do jornalismo*. Florianópolis: Insular.
- Hall, S. (2006). *Identidade Cultural na Pós-Modernidade* (trad. T. Silva). Rio de Janeiro: DP&A.
- Hohlfeldt, A.; França, V. & Martinho, L. (2001). *Teorias da Comunicação. Escolas e Tendências*. Petrópolis: Vozes.
- Sodré, M. (1999). *Claros e Escuros. Identidade, povo e mídia no Brasil*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Traquina, N. (2004). *Teorias do Jornalismo. Por que as notícias são como são*. Florianópolis: Insular.